

JAMAIS FOI QUESTÃO DE DESCOBRIR A PÓLVORA

Tem sido sempre a recusa de abraçar o razoável

E as crises apanham-nos sempre em contra-pé...

Por Noé Nhamumbo

A nossa história recente tem sido quase sempre a recusa de aceitar incluir os outros quando a questão é o acesso a democracia económica. Todo palavreado e flores que se lançam para os cidadãos por via de camisetes, bonés e plataformas eleitorais coloridas e trazendo o povo no centro e com apelos a governação participativa se transforma em bolor mesmo durante as campanhas eleitorais. O que move os políticos tem sido a vontade e voracidade de acumular mais riquezas e privilégios por via da conquista de posições de topo na esfera política e governamental. Este é que tem sido o motor de quase tudo o que se faz ou se diz fazer em Moçambique. Estar incluído

nos circuitos que vão decidindo e distribuindo as posições de relevo no governo e as posições de topo no partido governamental tem sido feito de tal maneira que ao longo do processo se esquece que o país tem problemas e deve ser gerido com responsabilidade.

Jamais foi demagogia lutar pela inclusão dos outros em todas as esferas da vida nacional. Tem sido a falta de liderança e visão estratégica dos governantes e políticos que tem conduzido os assuntos públicos para a bancarrota.

Convenhamos por ser verdade que não tem havido discernimento nem proactividade por parte dos dirigentes nacionais. Em quase tudo o que acontece são apanhados de surpresa e contra a corrente. Sua saída predilecta tem sido afirmar que não há problemas, que tudo

está controlado e que o governo já tem acauteladas as soluções para os problemas que surgem decorrentes de alteração da conjuntura internacional. E quase sempre depois, quando as consequências da sua distração e incapacidade de fazer as leituras consentâneas dos factos já ultrapassam qualquer tipo de estratégia desenhada para fazer frente a crises ou desenvolvimentos inesperados, o país é colocado entre a "espada e a parede" sem soluções nem capacidade de interpretar os factos. Tantos economistas e catalogados cientistas políticos não produzem ciência alguma senão repetir o que alguém lhes diz que é sabedoria adequada para tratar dos casos em mão.

Não se pode dizer que não haja gente que produza ideias e que as tem apresentado

atempadamente para consumo público e dos governantes. Só que este nosso governo age como ser obtuso, teimoso que se julga acima de qualquer aconselhamento. A "tribo de assessores externos" do PR são quando muito agentes na reforma de entidades com interesses concretos em tudo o que diga respeito a acesso aos recursos naturais nacionais. O que se apresenta como único "think-tank" de orientação ou de inspiração governamental apresenta-se sem ideias e seus colaboradores vão saindo a público discursos livrescos cinzentos e de pouca valia para interpretar os factos actuais. Seus doutoramentos estão enferrujados e desprovidos de capacidade concreta de influenciar os acontecimentos à velocidade com que ocorrem. Quanto aos governantes apresentam-se sem ideias nem postura de servidores públicos. Quem serve o público escuta e aprecia as opiniões dos governados. Tem facilidade de ir a academia e interagir a partir de uma posição de humildade favorável a aprendizagem e ao diálogo. Entre nós o que vê é a máscara da arrogância escondendo incapacidades elementares.

E desta maneira, com este tipo de atitude não se vai conseguir construir os consensos necessários que ajudem a ultrapassar as dificuldades de hoje. Não se pode reduzir a governação a construção de engenharias financeiras que "nem ao diabo lembra". Isso pode ser o caminho mais rápido para engordar contas bancárias e facilitar a acumulação de capital imobiliário e a afirmação de alguns como accionistas e beneficiários por excelência do tristemente famoso "Empoderamento Económico Negro". Só que como todos sabemos e podemos ver, esse empo-

ramento tem sido para uma franja minúscula de cidadãos e não afecta nem tem impacto na vida dos milhões de moçambicanos. Bandidismo contabilístico como o da famosa ENRON não se transforma em investimento produtivo e muito menos em produção endógena de algo como tomate ou trigo. A Moçambique Industrial que fabricava óleos e sabões está encerra e com ela centenas de pessoas forma parar ao desemprego. Com a falência manipulada da indústria têxtil nacional o algodão produzido localmente deixou de ter tratamento local e as mais valias antes incorporadas na economia nacional vão parar a Liverpool. A destruição por via política da pequena base de agricultores comerciais privados e posteriormente das empresas estatais agrárias levou a derrocada do sistema de produção agrícola do país e a adopção das importações como forma de abastecer o mercado urbano nacional.

Não tem havido abertura nem fomento de actividades que signifiquem menos importações. Não se vislumbra interesse e uma estratégia apropriada para a formação de quadros nos mais diversos níveis que sejam eles próprios os futuros empreendedores e empresários. Empresário ou empreendedor é quase sempre em Moçambique alguém com boas ligações e beneficiário do tráfico de influência. Cria-se uma empresa hoje porque o ministro ou director sicrano garantiu que as encomendas governamentais seriam feitas por via da mesma e que os lucros estão a partida garantidos porque mais ninguém terá acesso ao negócio. Assim, os PCA's de empresas públicas criam empresas que concorrem com aquelas em que auferem salários para dirigir. Os ministros obviamente também criam as suas

teias de interesse e todos comem da "porca-estado". O procurment estatal virou a esquema de enriquecimento ilícito e mesmo o estabelecimento de UGEA's não diminuiu o volume de negócios feitos "debaixo da mesa".

Esta maneira de gerir a coisa pública vai continuar a gerar milhões entre os ministros-empresários e seus colaboradores mais íntimos. Mas não tenhamos ilusões de que também vai continuar a produzir para o florescimento da corrupção a todos os níveis. O assalto que se verifica aos cofres do Estado nas províncias nos sectores da Educação e da Saúde, são frutos directos deste sistema.

Transformar o PR em inspector do Estado não é o caminho para combater a pobreza e jamais se traduzirá em ganhos palpáveis para a maioria dos moçambicanos.

Cada um ao seu nível deve cumprir com a sua descrição de tarefas.

O tempo é de reconhecer erros e práticas lesivas ao país e ao seu povo. O falso discurso de que tudo esta correndo bem é inequivocamente contraproducente.

Mudar os integrantes do governo tem se mostrado incapaz de resolver os problemas nacionais simplesmente porque as coisa continuam a ser feitas da mesma maneira que no passado recente.

É preciso ir buscar a experiência dos outros e a sabedoria de todos os moçambicanos para resolver os problemas que dizem respeito a todos. Ouvir os outros tem de deixar de ser catalogado como vergonhoso ou sinal de fraqueza.

A proliferação de instituições parasitas que nunca trabalham mas que consomem recursos públicos só condena a maioria dos moçambicanos a esta situação insupportável que se vive...

Publicidade



CONVITE PARA LANÇAMENTO DE DOIS NOVOS LIVROS DO IESE

ENTRADA LIVRE

Na QUINTA-FEIRA, DIA 9 de SETEMBRO de 2010, das 17h às 18H, no INDY VILLAGE (Rua D.Sebastião 99, Sommerschild), após a Conferência "China em África", o IESE lança:

- *Pobreza, Vulnerabilidade e desigualdade em Moçambique (2010)*, L. Brito, C. N. Castel-Branco, S. Chichava, A. Francisco (orgs.)

- *Protecção Social. Abordagens, desafios e experiências para Moçambique (2010)*, L. Brito, C. N. Castel-Branco, S. Chichava, A. Francisco (orgs.)